

Introdução

O *complexo de Édipo* é um dos conceitos fundamentais da psicanálise e consiste, como o próprio termo “complexo” indica, em uma rede de relações que ocorrem na infância de todo sujeito e que é responsável pela organização de nossa subjetividade desejante. Já nos primórdios da psicanálise, Freud afirmava a universalidade dos desejos edipianos, dizendo que cada criança deve realizar um caminho para superar o complexo de Édipo e ter acesso à sexualidade adulta.

Ao acompanharmos o percurso de Freud no que se refere à sexualidade infantil, observamos que, desde os “Três ensaios sobre uma teoria sexual”, ele indica o pluralismo dos componentes da sexualidade e sua origem infantil, assim como a existência de outras zonas erógenas além dos órgãos genitais.

Freud descreve o destino da vida sexual infantil, do autoerotismo à primazia dos órgãos genitais, isto é, a subordinação das pulsões parciais à finalidade da reprodução, ou a passagem do autoerotismo ao aloerotismo. Esse desenvolvimento é marcado por dois tempos: no primeiro, há o predomínio das pulsões parciais e o pluralismo das

correntes pulsionais, cada uma tendendo isoladamente à satisfação que lhe é própria; no segundo, ocorre uma interrupção brusca da vida sexual e a partir dos cinco ou seis anos tem início o período de latência.

Assim, no primeiro tempo, a relação objetal é estabelecida e o corpo da criança é erogeneizado por meio dos cuidados maternos; durante o período de latência, a atividade sexual é interrompida; e, numa segunda fase, a puberdade, as pulsões parciais devem ser subordinadas definitivamente à finalidade da reprodução, ao mesmo tempo em que o adolescente renuncia a seus primeiros objetos de amor – os pais – para poder vincular-se a outros tipos de relação fora do âmbito familiar.

Nesse momento inicial da teorização, Freud não vincula o período de latência ao declínio do complexo de Édipo, pois esse conceito só aparecerá em sua obra mais tarde. Tal complexo apresenta uma função normativa, na medida em que cabe a ele levar o sujeito a uma determinada posição sexual – assunção de seu sexo – e a uma atitude social adulta. Quando não superado, vai continuar a exercer, a partir do inconsciente, uma ação importante e consistir, com seus derivados, no complexo central de diferentes tipos de estrutura.

Ligado à fase fálica da sexualidade infantil, o Édipo é, portanto, o processo que atua na estruturação de toda a organização psíquica e, nesse sentido, as estruturas clínicas – neurose, perversão e psicose – devem ser consideradas observando-se as relações triangulares de amor, desejo e gozo aí produzidas. Dito de outra maneira, castração e

Édipo articulam-se como modos de acesso do sujeito ao seu gozo, ao seu desejo, à sua sexuação.

Lacan se referiu ao complexo de Édipo sob a forma da metáfora paterna, que vai dar uma resolução à tríade imaginária mãe-criança-falo, na qual o desejo da mãe tem um papel fundamental. A metáfora paterna inscreve a impossibilidade de completude de todo ser humano e possibilita a sua inscrição enquanto sujeito do desejo. Para Lacan, ao se falar de complexo, já estamos nos referindo à estrutura. Ou seja, ele usa o termo “complexo” tal como Freud o utilizou ao teorizar sobre o Édipo, fazendo-o operar como um antecedente do conceito de estrutura, que passa a se impor no seu ensino a partir de 1953.

Em 1938, em *Os complexos familiares na formação do indivíduo*, Lacan definiu a família moderna como uma redução da antiga ordem familiar primitiva, caracterizada por grupamentos mais numerosos. E descreveu os inúmeros complexos que se originam no seio dessa família conjugal, isto é, o *complexo de desmame*, o *complexo de intrusão* e o *complexo de Édipo*. O complexo de desmame organiza a relação entre a mãe e a criança; o complexo de intrusão organiza a relação entre a mãe, a criança e o rival imaginário; e o complexo de Édipo organiza a relação entre a mãe, a criança e a “ímagô” paterna.

O complexo de Édipo é uma invenção da psicanálise e coincide com a decadência da “ímagô” paterna. É herdeiro da família paternalista fundada na tradição judaico-cristã, onde o pai é idealizado. Lacan pretende destacar o papel essencial do pai como terceiro elemento na relação entre a

mãe e a criança, mas concebe o Édipo fora do ideal paternalista, sem levar em conta essas tradições, diferenciando a função paterna das exigências matrimoniais. Como veremos mais adiante, para que um homem possa ocupar esse lugar do pai é necessário que, dentre outros requisitos, faça dessa mulher o seu sintoma. A primeira função dessa imago é a interdição da mãe e a instauração da Lei. A Lei, ao mesmo tempo que interdita, funda o desejo, fazendo com que não haja Lei sem desejo, nem desejo sem Lei. Lacan irá deslocar o pai do lugar de genitor para o campo do simbólico e passará a designá-lo com um nome: *Nome-do-Pai*.

Breve histórico do conceito

Desde 1897, Freud faz referência ao complexo de Édipo, mas não encontramos em sua obra um artigo dedicado exclusivamente à sua teorização – a única exceção é o tardio “A dissolução do complexo de Édipo”, de 1924. Somente em 1910 a expressão “complexo de Édipo” aparecerá como um conceito psicanalítico e, para acompanharmos a sua sistematização e o seu desenvolvimento progressivo, torna-se necessário percorrermos toda a obra freudiana, desde a correspondência de Freud com Fliess, entre 1887 e 1904, até 1931, quando Freud teoriza a respeito da sexualidade feminina.

Como teremos a oportunidade de desenvolver neste livro, inicialmente Freud presume existir um paralelo